HÔJÔKI - ENSAIO DE UM BUSITA EM RETIRO

Notas e comentários

Geny Wakisaka

Esta obra vem com o seguinte desfecho: Data, fins de março de 1212. Escrito na cabana de Toyama por Ren-in. Uma nota aposta esclarece que Ren-in é o nome, conforme a seita budista, de Kamono Chômei, conhecido poeta e ensaísta na literatura clássica japonesa do século XIII.

Hôjôki, que literalmente significa — Anotações executadas em recinto de nove metros quadrados —, fôra realmente escrito em uma cabana rústica, com três metros de cada lado, erguida nas encostas do monte Hino, nas imediações de Kyôto, antiga capital japonesa. Foi aí que o autor, concorde com as suas convições ascéticas acerca da vida, se isolara da conturbada sociedade japonesa de então, levando à prática um novo estilo de vida.

Kamono Chômei (1153-1216), pertenceu a uma clā da baixa nobreza, que herdava o direito à guarda do templo shinto ista de Kamo, em Kyôto. Sendo seu pai Nagatsugu, sacerdote chefe do santuário Tadasuno Yashiro, agregado este ao referido templo, Chômei desde cedo se preparou para assumir o dito posto. Aos dezenove anos porém, depara com a inesperada morte de seu genitor, que na época contava com apenas trinta e cinco anos de idade e, em decorrência do fato, diante de sua perplexidade, por determinação do chefe de sua clã, a sua nomeação para o dito posto não se concretizou. Sua visão negativista acerca da vida, dizem ter as suas raízes neste incidente.

Chômei foi insigne tankaista, discípulo predileto do renomado poeta Shun-e, organizando em 1181 a sua coletânea de tanka *Chômei Kashû* (Poemas de Chômei), dos quais devido a posteriores extravios.

temos conhecimento de apenas cento e quatro tanka. Escreveu também na mesma época que redigia o *Hôjôki*, uma coletânea de ensaios, o *Mumyôshô*, onde fala do poetar em geral, anotando alguns comentários.

Em 1201, como que em reconhecimento aos valores de suas produções poéticas, Chômei é convidado a integrar o grupo de poetas do Waka Utadokoro (Recinto do poema japonês da Corte), mantido pelo então ex-imperador Gotoba-in, um incentivador sem par do tanka.

Além destes seus dotes poéticos, Chômei foi exímio tocador de Biwa, instrumento musical de quatro cordas, aperfeiçoando-se sob as orientações de Nakahara Yûan, chefe do departamento musical da Corte, na época. Sem muita comprovação do fato, o monge Ryûen, em sua obra <u>Bunkidan</u>, escrita meio século após a morte de Chômei, relata um incidente ocorrido com o poeta, contudo jamais mencionado por este. Consta na referida obra que, numa audição de músicas eruditas organizada com a participação de Chômei, este levado pela emoção executa a peça denominada Takuboku, para a qual ainda não estava licenciado pelo seu mestre Yûan, já falecido na ocasião. Conseqüentemente, apesar dos veementes aplausos recebidos pela assistência, Chômei é repreendido pelos membros do departamento musical da Corte na infração às normas dos músicos, sofrendo inclusive interrogatório de Gotoba-in, que o deixara deveras abatido.

Yashiro é novamente vaga e Chômei experimenta a reanimação de suas antigas aspirações. Não obstante recomendações de Gotoba-in a seu favor, a nomeação do cargo sai para um seu primo, alegando falta de experiências de Chômei em questões do sacerdócio. Preocupado com as sucessivas decepções sofridas por Chômei, Gotoba-in, seu declarado protetor, oferece-lhe a chefia de um novo santuário no que é polidamente recusado pelo poeta, que resoluto já nas suas convicções estóicas de vida, inicia a sua vida de reclusão voluntária diante da sociedade mundana, instalando-se numa precária cabana nos subúrbios de Kyôto, construída a princípio nas localidades de Ohara, posteriormente transferida para Hino, onde escreve o seu Hôjôki.

Não faltaram críticas às decisões de Chômei, consideradas emocionalmente premeditadas, frente às desilusões sofridas a nível pessoal.

Todavia, analisando-se o momento histórico do país, observam-se as lutas pelo poder político-econômico travadas entre os membros

conflitantes da família imperial, aliados estes aos chefes dos potentados das províncias, que de há muito acumulavam suas próprias forças guerreiras. Sendo a princípio aproveitados nos conflitos da casa imperial, estes chefes dos potentados das províncias, de ascendência nobre, conscientes de suas reais forças bélicas, ameaçam em seguida o poder central em mãos de decadentes nobres.

Em 1159, como consequência natural desse processo, os guerreiros comandados por Tairano Kiyomori, aliado até então à facção da família imperial Goshirakawa, praticamente tomam as rédeas do poder central, experimentando nos moldes da nobreza, breves mas intensos momentos de glórias. Kiyomori é logo batido pelas forças de Minamoto, igualmente chefe poderoso das províncias e aliado aos interesses do ex-imperador Sutoku Jôkô, com uma sequência de intermináveis lutas internas, a que o país está sujeito desde então e sob o jugo de guerreiros.

Chômei apesar de nunca ter tocado neste aspecto sócio-histórico de sua época, presenciou necessariamente esta transição de poderes da decadente nobreza para a ascendente classe dos guerreiros e supomos que, além das questões pessoais já mencionadas, sua sensibilidade de poeta não suportou principalmente a derrocada da cultura, dos costumes e dos valores cultuados ao longo dos anos pela nobreza japonesa e aos quais esteve preso em seus ideais. Desta feita, quem sabe prevendo os cinzentos dias reservados a si e à sua classe em geral, decidira buscar um novo estilo de vida, se precavendo para tal, com a sua conversão ao Budismo.

O sincretismo Budismo-Shintoismo já se processava desde a era Heian (794-1192), pela proposta dita Honji suijaku setsu, segundo a qual, as divindades do Shintoismo eram consideradas como representantes das divindades do Budismo, em solo japonês. Para a nobreza da época, tanto o Budismo quanto o Shintoismo eram seitas religiosas a serviço da felicidade terrena. A prática do Mikkyô, o hermetismo, no combate aos espíritos maléficos, que molestavam o homem, era a mais solicitada forma de religiosidade. Após os vários anos de convulsões sociais a que o país fica sujeito, o Budismo da era Kamakura (1192-1333), cria impulso preconizando a vida do Jôdo, no pós mortem. Estabelecendo-se um paralelismo, Jôdo seria a expressão equivalente, em linhas gerais, ao Paraiso do Cristianismo. Infiltrando-se de vez nas camadas baixas da população, de outra parte elaborando estudos mais sistemáticos de suas propostas, o Budismo cresce no Japão, através de suas diversificadas seitas.

Convertendo-se ao Budismo, Chômei não se compromete com a sua divulgação ou pregação mas adota os seus preceitos como seu código de vida, que basicamente ditavam a completa anulação dos sentimentos de apêgo às coisas mundanas.

Conta-se o Hôjôki como um dos ensaios de relevante valor dentro da literatura clássica japonesa, juntamente com Makurano sôshi e Tsurezure gusa. O primeiro deles data de 1002 e foi escrito por Seishônagon, uma dama de companhia da imperatriz Teishi. A autora registra em seu Makurano shôshi (Cadernos de Cabeceira), 319 artigos, falando de suas impressões dos fenômenos da natureza, críticas às questões de comportamento humano ou relativas à vida palaciana em geral, redigidas em rápidas e inteligentes pinceladas. Através do que é dito pela autora de abominável ou plausível, chega-se hoje às normas de uma estética da nobreza de então. O ensaio Tsurezure gusa (Anotações ao sabor do viver cotidiano) é do monge Kenkô hôshi, escrito por volta de 1330, comportando 243 artigos e que perseguem as pegadas do primeiro, mas com fortes colorações do Budismo apesar do tom nostálgico aos valores da nobreza clássica japonesa dos anos antecedentes.

O segundo ensaio na ordem cronológica é o Hôjôki que difere dos demais quanto ao seu enfoque e a sua estrutura, seguindo as linhas de Chiteino ki (Notas em um chalé à beira do lago), escrito em 982, por Yoshishigeno Yasutane (934-997). O ensaio de Yasutane está escrito em estilo chinês e se encontra inserido na coletânea Honchô monzui (Ensaios japoneses em estilo chinês), cap. 12, organizada em 1011, por Fujiwarano Akihira.

Chiteino ki é um ensaio curto que rejeita em princípio, a preocupação do homem em construir a sua moradia nas grandes aglomerações, citando como referência a capital. Em conformidade a esta sua convicção, o ensaista instala-se num terreno afastado da capital, cujo espaço era suficiente para comportar um lago e uma elevação artificial, que nos moldes da fidalguia vedava a sua vida particular dos aborrecimentos sociais.

Chômei, segundo seus pesquisadores, era relacionado a Yasutane por laços de parentesco e demonstrava especial carinho à obra Chiteino ki. Nota-se em Hôjôki coincidências de passagens com Chiteino ki, quando seu autor discorre sobre o enfado do relacionamento humano, nos finais da parte 11.

Hôjôki é composto de cinco partes. Inicia a primeira parte com a exposição de uma visão do mundo, de forte conotação budista. A

eterna mutabilidade das coisas observada em primeira instância nos fenômenos da natureza é transposta para o plano do homem e a sua vivência, e contestado pelo autor o obsessivo apêgo do ser humano em relação à sua moradia.

A inconstância das vivências como temática, aparece já nos ensinamentos éticos pregados por Confúcio e coletados no livro Shikan organizado pelos seus discípulos, na era Shunjû (século V A.C.) da China. A mesma idéia vem registrada no livro IV da obra literária chinesa Monzen, do século V D.C., muito apreciada pela nobreza japonesa da era Heian (794-1192). Consideradas figuras já gastas desde há muito destacam-se também dentro da literatura japonesa como imagens da fugacidade, o orvalho, a campânula, as bolhas d'água, os sonhos, as miragens, assim como a imagem da lua refletida na água e as núvens em flocos, as quais comumente são relacionadas à idéia de brevidade da vida humana. Assim, o poema 1269 do vol. VII da coletânea poética Manyôshû organizada no século VIII, diz o seguinte:

"Makimukuno yamabe toyomite yuku mizuni Minawano gotoshi yonohito warewa."

Cujo sentido seria:

Ressoando nos montes Makimuku, as águas escoam Fugazes como suas espumas Eu, um ser deste mundo.

Mesmo que Chômei não tivesse conhecimento deste poema, o que é quase inconcebível dado o seu interesse pelos tanka, com certeza conheceu o Yuimagyô, sermões do budista Vimalakirti, dirigidos aos seus discípulos no Yuima hôjô, recinto comportando as mesmas medidas de sua cabana. Numa passagen dos sermões o referido budista diz:

"Kono miwa utakatano gotoshi. Hisashiku tatsuo ezu." Este meu ser é tal qual a bolha d'água. Não permanecerá por longo tempo.

Pondo em prática a sua idéia de confinamento voluntário frente à sociedade citadina e desvinculando-se das mágoas outrora nela

experimentadas, vêm-lhe à mente com mais clareza agora os problemas existenciais, mais genéricos e sempre delegados ao ad eternum, mas que a sua sensibilidade não consegue sufocar, mesmo no seu isolamento. O conceito de *Mujô*, da impermanência ou da inconstância da vida, é reiterado por Chômei e relacionado à ausência de significação das realizações humanas. Depreende-se do texto no entanto, uma indisfarçável preocupação do autor na realização literária de sua obra. E, mesmo desvinculando-se da vida social, no fato de se instalar na periferia da capital já denota o quanto se achava preso ainda à sociedade.

Na segunda parte do Hôjôki, há uma tentativa de comprovação do que é exposto na sua primeira parte. Segue-se uma série de descrições dos acontecimentos insólitos ocorridos no passado e que deixaram cicatrizes na vida do povo. Dentre os fatos citados, o incêndio, o vendaval, o terremoto, a seca e suas conseqüências mediatas, a fome e as epidemias, foram causadas pelas forças consideradas malígnas da natureza. E como único evento deprimente acionado pelo homem, vem citada a mudança da capital de Kyôto para Fukuhara empreendida por Tairano Kiyomori, na tentativa de safar-se das pressões contrárias ao seu governo. A mudança da capital no texto, simboliza a destruição de uma tradição cultural e catastrófica para a sensibilidade do ensaista.

A terceira parte do Hôjôki fala da vida do ensaista no seu isolamento. Após um breve histórico do seu passado, e sobre a sua vida em Ohara, seque-se uma descrição minuciosa da sua modesta moradia de Hino, colocando em evidência o seu caráter provisório. De um só cômodo, ao seu lado norte, o lado tradicionalmente respeitado do recinto, fixam-se à parede as imagens de Amitabha e Sumantabhadra e à sua frente o livro de Saddharma-pundarika. No canto sudoeste em três cestos os demais livros de poemas e músicas. Ao lado os seus instrumentos musicais. Este lado representava os seus costumes de nobreza. Com o devido respeito aos ensinamentos búdicos instalam-se na cabana a sua religiosidade e a sua formação de nobreza. A explanação prossegue com a apresentação do seu ciclo anual de vida, em conformidade com as quatro estações do ano. Nesse ambiente calmo dão-se os passeios descompromissados do autor, ora em companhia de um garoto, filho do guarda florestal que o procura esporadicamente, ora só nas suas andanças solitárias. E quando a solidão bate durante a madrugada, atiça-se o fogo já encoberto de cinzas para lhe servir de companhia. Registra o autor desta forma, de maneira simples e sem rodeios, muito humanamente a ponta de nostalgia que apesar de tudo incomoda a sua vida de asceta.

Na quarta parte estão os afazeres do seu dia a dia, operações ligadas diretamente à sua sobrevivência. Nesta parte o autor enaltece a sua total independência de ação, descompromissado de qualquer tipo de vínculo social e humano. A sua satisfação leva-o a confessar o seu amor e a sua afeição a este estilo de vida.

A quinta parte é curta, incisiva e surpreendente. Pressentindo a proximidade de seu fim, o autor revela súbito a sua auto reflexão. Discriminando até mesmo o seu apêgo a esta sua vida de isolamento, apenas repete três vezes o nome de Amitabha e coloca um ponto final ao seu ensaio. O leitor fica apenas perplexo, já acostumado às suas conclusões taxativas e convincentes.

Termina aqui a literaridade do ensaista onde fica subentendido o marco inicial real de sua total devoção à religião, que a meu ver é um tanto brusca. O conceito de *Mujô*, da impermanência, ditado ao longo do ensaio pelo poeta é experimentado sem eufemismo pelo leitor, de forma imprevista neste final do *Hôjoki*. E esta constatação fria e incisiva estranhamente, é conscientizada quando termina a literaridade do texto.

Devo acrescentar que os ensaios sobre o Budismo *Hosshinshû*, é considerado de autoria de Kamono Chômei.

NOTA:

1. Poeta do estilo tanka. Tanka: poema Japonés composto de versos de 5-7-5-7-7 sílabas.

BIBLIOGRAFIA:

NISHIO, Minoru. Hôjôki-Tsurezure gusa, in Nihon Koten Bungaku Taikei-30, ed. Iwanami, Tóquio, 1981 (26ª ed.).

MIKI, Sumito, Hôjôki-Hosshin Shû, in Shinchô Nihon Koten Shûsei, ed. Shinchôsha, Tóquio, 1979.

YANASE, Kazuo. Hôjôki Zenchûshaku, ed. Kadokawa, Tóquio, 1971.

KOJIMA, Noriyuki at elii. Kaifûsô — Bunkashûreishû-Honchômonzui, in Nihon Koten Bungaku Taikei-69, ed. Iwanami, Tóquio, 1964.

TAKAHASHI, Kuzuhiko at. elii. Mumyôshô — Keigyokushû, ed. Ôfûsha, Tóquio, 1976.

HOJOKI

1

A água do rio que flui não cessa e ademais a que ora corre não se trata de água anterior. As bolhas que flutuam nas águas paradas se esvaem, se formam, não se tendo conta de que tenham permanecido por longo tempo. Os homens e as moradias deste mundo também seguem este ritual.

Dentro da capital de tantas belezas, não cessam de existir, através das gerações, as moradias ricas ou pobres, com cumieiras que se sucedem e que concorrem nas alturas de seus telhados. Perguntando se isso é o que sempre existiu, são raras as casas que hoje existem além da lembrança. Algumas, com o incêndio do ano passado, foram refeitas este ano. Ou as grandes moradias deram lugar a casas de menor porte. O mesmo se verifica com os seus moradores. O local não muda, e muitos são os homens. Entretanto, conhecida de antanho, apenas uma em cada vinte ou trinta pessoas. A lei de morrer-se pela manhã e nascer-se ao entardecer, se assemelha, perfeitamente, às bolhas d'água. Desconhecimento total donde vem e para onde vai o homem que nasce e morre. Desconheço também: para quem se dispensam as preocupações no apronto da moradia que é provisória, e com o que se pretende alegrar a vista. Tanto o dono como a sua moradia, a situação a que cada qual está sujeito aos rigores da impermanência não distoa daquela do orvalho e da campânula. Ou o orvalho cai e a campânula permanece. E mesmo que permaneca, ela fenece ao sol matinal. Ou murcha a flor e ainda deixa de desaparecer o orvalho. Apesar de permanecer, ele nunca aguardará o entardecer.

П

Eu, desde que me dei conta do mundo, durante o tempo que passei, cerca de 40 primaveras e outonos, muitas foram as cousas e situações insólitas deste mundo presenciadas, com maior frequência nos últimos tempos.

Se bem me lembro, foi no dia 28 de abril de 1177. Ventava forte, numa noite inquietante, cerca de oito da noite. O fogo teve começo na parte sudeste da Capital para projetar-se a seu noroeste. Por fim atingiu as edificações do Portal de Sujyaku, Palácio de Daikoku, Escola dos Nobres e Ministério dos Assuntos da População, tornando às cinzas todas elas numa noite.

O fogo partiu, segundo se disse, duma hospedaria provisória de

dançarinos, localizada num beco de Higuchitomi. Com o vento a soprar a esmo, ă medida que passava o fogo daqui acolá, foi como que se abrisse um legue, se alargando cada vez mais. As casas longínquas se pareciam envoltas em fumaça, e as das proximidades só lançavam chamas ao solo. Ao ar se erguiam cinzas. Dentro de tudo avermelhado em virtude dos reflexos das chamas sobre as cinzas lancadas ao ar, as chamas entrecortadas pelo vento, como que aladas, se deslocavam saltando uma, duas quadras. As pessoas, nesse meio, não se sentiam com vida. Algumas, sufocadas pelas fumaças, caíam ao solo, ou nas chamas, desmaiadas, e morriam em seguida. Ou ainda, conseguindo safar-se, apenas com o corpo, não tinham como que salvar seus pertences. Ricos objetos se tornaram cinzas. Em quanto montaram esses bens? Nessa ocasião, se incendiaram 16 casas de altos dignitários. Outras casas comuns, perderam-se as contas. De toda Capital, diz-se que um terço fôra atingido. Homens e mulheres que morreram se contam às dezenas (1). De equinos e bovinos se desconhecem os seus números, tantos que foram.

Dentro da insignificância dos empreendimentos humanos, todos tolos, erigir casas dentro da Capital tão perigosa, é especialmente sem sentido, ainda mais dispendendo-se riquezas, e tendo preocupações.

E ainda, no mês de abril de 1180, da altura do cruzamento das avenidas de Nakanomikado e Kyogoku, levantou-se um forte tornado, indo a ventania até a cercania de Rokujyô.

Enquanto a ventania percorria, com violência, três, quatro quadras, as casas atingidas, tanto grandes como pequenas, foram todas arrasadas. Casas que simplesmente ficaram tombadas de lado; outras que ficaram apenas em vigas e colunas. Outras cujos portões foram soprados a quatro, a cinco quarteirões, e aquelas outras cujas cercas desapareceram ficando juntas num mesmo terreno indiviso. Não dizer dos incontáveis bens e apetrechos das casas que voaram e se perderam, levados ao alto. Casca de cedro e lâminas de madeira que serviam para a cobertura do teto pareciam folhas secas no inverno, a mercê do vento. A poeira se levantara como que fumaça e nada se enxergava. Com o barulho nada da fala se ouvia. Presumiu-se que nem a dita ventania dos males que sopram no infero seria mais violenta. Não só as danificações das casas. Foram incontáveis as pessoas que, enquanto tentavam proteger as suas casas, se feriram ou se tornaram deficientes físicos. Este vendaval se deslocou um pouco, da direção sul para o lado oeste, provocando o lamento de muitos.

Vendaval pode acontecer, mas um tornado como o que se verifi-

cou não pode ser comum. Talvez, uma advertência de divindade: suspeita e temor de muitos.

Ainda no mês de junho do mesmo ano (1180), de repente foi feita a mudança da Capital. Um acontecimento inesperado. De maneira geral, o que se ouve a respeito da fundação da Capital de Kyoto, é feita referência à era do Imperador Saga, transcorrendo desde então mais de quatrocentos anos (2).

Não encontrando maiores explicações plausíveis para essa reforma, difícil de ser compreendida, a população, com muita razão, se preocupou deveras.

Entretanto, sem qualquer resultado prático os reclamos, o Imperador à frente, os ministros e os homens da corte partiram todos. Homens, conquanto funcionários, não permaneceram na cidade (Kyoto). Aqueles que pensam nos postos e hierarquias, aqueles que esperam os beneplácitos de seus amos, se apressaram em efetuar a mudança o quanto antes, e apenas as pessoas que já haviam perdido as oportunidades de ascensão e sem muitas esperanças permaneciam, apreensivas. As moradias que se sucediam iam deteriorando-se com o correr dos tempos. Casas eram desmontadas e colocadas em jangadas no Rio Yodo (3), e seus terrenos se transformando em glebas de cultivo. O comportamento da população se modificara. Sendo apreciadas a sela, a montaria. Ninguém mais se valia dos carros de tração bovina (4). Todos dão preferência, nas nomeações, às terras da região sudoeste e querem evitar os latifúndios da região nordeste (5).

Nessa época, por necessidade particular, tive a oportunidade de estar na nova Capital de Tsu. Observando a localidade, constatei que o terreno era estreito, insuficiente para os traçados de leste-oeste e de norte-sul, próprios de uma Capital. O norte mais alto acompanhando as montanhas, e o sul baixo beirando o mar. O barulho das ondas se fazia sempre, com os ventos carregados de maresia extraordinariamente fortes. Estando o palácio no meio à montanha, faz lembrar o palácio de antanho construído de toras naturais, em alguns aspectos até proporcionando ares de elegância.

Desmontadas cotidianamente, as casas que foram transportadas em quantidade a ponto de tornarem o rio estreito, onde estariam essas casas erigidas? Ainda são amplos os terrenos vagos e poucas as casas prontas. A velha Capital já está deteriorada e a nova ainda por fazer. Todas as pessoas são possuídas de incerta apreensão como que a ver nuvens flutuantes. Os da terra lamuriam cos terrenos confiscados. Aqueles que se mudaram estão a lamentar dos trabalhos das

obras de construção. Observando-se ao redor, na estrada, as pessoas que deveriam estar nas carruagens estão em montarias, e suas indumentárias, que deveriam ser próprias de palacianos, são, em muitos casos, as de "samurai" Os costumes da Capital se modificaram rapidamente, a custo se distinguindo com os dos "samurai" provincianos. Comenta-se que tudo isso seja indício de convulsão da sociedade. Com o correr dos dias se tornam movediços os sentimentos sociais e os corações dos homens inquietos. E a apreensão popular se tornara realidade. Diante de tudo isso, no início do mesmo ano, foi feito o retorno a esta Capital. As casas desmontadas, perguntando-se como ficaram, se tem a dizer que nem todas ficaram como eram.

Pelas notícias de antanho se sabe que nas eras dos sábios dignitários, o país era governado com piedade. Assim é que coberto de palha o palácio, até se dispensava de aparar os seus beirais e diante da pobreza das fumaças das chaminés das casas se davam isenções dos tributos. Tratava-se de mercê à população e do desejo de ajudála. Quanto à situação atual, se a sabe comparada com a de antigamente.

E ainda por volta da era de Yôwa (cerca de 1181), não me recordo ao certo pois que já se vão longe os anos, durante dois anos houve acentuada carência de alimentos à população, acontecendo-lhe situações insólitas. Durante a primavera e inverno se verificaram estiagens, ou ainda no correr do outono vendavais e inundações. Sucederam-se cousas indesejáveis e nenhum cereal granou. Na primavera, terras amanhadas em vão, e no verão, semeaduras inúteis. Em seguida o outono sem as alegrias da colheita e o inverno sem o contentamento da armazenagem.

Com isso, as populações de muitas vilas, ou abandonaram suas terras para vagarem em outras paragens, ou se esqueceram de suas casas para se fixarem nas montanhas.

Exorcismações e rezas as mais variadas foram praticadas, sendo executadas as formas mais especiais e raras pela própria corte, mas nenhum resultado se fez presente. A Capital, de praxe, no que concerne aos produtos, depende exclusivamente das províncias, mas em não havendo, de há muito, o que de lá vem, não se podia permanecer indiferente por mais tempo. Sem poder mais sustentar bens de todos os tipos foram ofertados em troca de quase nada, mas quase ninguém havia que voltasse sua atenção para essas cousas. Em caso de rara troca, o ouro era leve e o cereal de maior peso. Muitos pedintes à beira da estrada, e muitas lamúrias se faziam ouvir.

O primeiro ano se encerrou dessa maneira a duras penas. Esperou-se que no ano entrante as cousas voltassem ao normal. Além da fome sobrevieram as doenças, não havendo quaisquer sinais de melhora. A população faminta. Com o passar dos dias, as dificuldades iam aumentando, como que peixes em águas prestes a secar Afinal, mesmo pessoas até bem aparentadas, com cabeça coberta e pés agasalhados, passaram a bater de porta em porta para esmolar. Essas pessoas, tão sofridas, pareciam andar e, em seguida, caíam mortas. De fora dos muros, à beira da estrada, os mortos pela fome eram tão numerosos, incontáveis. Não havendo qualquer possibilidade de recolher os mortos, o mau cheiro se espalhava em todo o espaço, e obrigava a todos a desviar o olhar diante dos cadáveres. E não dizer à beira do rio onde seguer havia espaço para o trânsito de cavalos e viaturas, tantos eram os corpos abandonados. Também os humildes lenhadores, esgotados, não mais tinham disposição à sua faina, provocando até a escassez de lenha. Aqueles que não tinham outros recursos recorriam até à quebra de suas próprias moradias para irem à feira e vender as madeiras como lenha. E o valor obtido com isso pela pessoa que assim agia não dava para sustentá-la por mais um dia. O estranho em tudo isso era de que entre essas lenhas se misturavam madeiras com pinturas carmins ou ainda folheadas a ouro ou prata. Indagando-se, soube-se que pessoas sem outros recursos invadiam velhos templos budistas abandonados e haviam se apoderado de seus pertences e apetrechos para destruí-los e colocarem à venda na feira. Nasci justo neste mundo de turbidez e maldade para presenciar comportamento tão doloroso ao coração.

De outro lado, verificaram-se acontecimentos muito tristes. As pessoas com esposas amadas e homens estimados, quanto mais profundos os seus sentimentos, invariavelmente pereciam antes de seus entes amados. Isto porque, a si próprias se colocavam em segundo lugar, considerando sempre os entes queridos antes de si, entregando-lhes os alimentos que eventualmente obtinham. Assim, com pais e filhos, sempre acontecia os pais partirem antes. Ainda, sem saber que a vida da mãe se fora, a criança deitada ao seu lado permanecia com o seio materno na boca.

Bonzo de nome Ryugyô, do templo de Ninna, extremamente triste com essas mortes incontáveis, misericordiosamente passava as mãos nos rostos dos cadáveres para sinalizar, na testa, com os dedos, a letra A da escrita sânscrita (7), com o fito de ligá-los ao mundo do Buda.

Tencionando conhecer o número de mortos esse sacerdote contou-os na Capital, durante os meses de abril e maio, ao sul a partir de Ichijô, ao norte a partir de Kujô, a oeste a partir de Kyôgoku e a leste a partir de Sujyaku. A beira das alamedas, foram contados 42 mil e 300 e alguns mais cadáveres.

E não dizer das muitas mortes acontecidas antes e depois. Além disso, acrescentando-se as mortes verificadas nos subúrbios de Kohara, Shirakawa e Nishino Kyô e demais localidades afastadas, os números serão sem fim. Se forem acrescidas as mortes de todas as províncias a quanto não montarão?

Na época do reinado de Sutokuin, segundo se informa na era de Chôjyô (1134), houve acontecimento parecido, mas não soube diretamente dos tristes fatos de então. Entretanto, este atual acontecimento incomum, eu o presenciei.

Penso que também fora na mesma época. Aconteceu um grande terremoto. Esse tremor de terra foi fora de qualquer cousa comum. Os morros se desmoronaram para encher os rios; o mar se inclinou para inundar a terra. A terra se partiu para minar água e as rochas se fenderam para rolarem com destino aos vales. Os barcos ao largo se viram a mercê das ondas, e os cavalos nas estradas com dificuldade em se manterem em pé. Nas cercanias da Capital, em todas as partes, não se manteve intacto nenhum templo. Desmoronou-se ou caiu. Poeiras se ergueram parecendo-se como que a fumaças. Movimentos da terra, o barulho de as casas se desfazendo. O barulho não fazia qualquer diferença com a trovoada. Permanecendo-se dentro de casa, a impressão era de que prontamente seria esmagado. Saindo-se, lá fora a terra se rasgando. Se de asas fosse dotado não poderia deixar de voar. Se fosse um dragão deveria montar numa nuvem. Senti que o mais temível das cousas temidas era o terremoto.

Esse tremor tão intenso cessou pouco depois, mas tremores secundários não pararam tão logo. Seguiram-se dias que se sentiam, por 20 a 30 vezes ao dia, tremores que em situações normais eram de assustar-se. Passados 10 dias, 20 dias, os intervalos foram espaçando-se — 4 a 5 vezes ao dia, ou ainda 2 a 3 vezes. Em seguida a freqüência passou para um dia sim, um dia não, e depois um tremor a cada 2 ou 3 dias. Por cerca de 3 meses persistiram os tremores residuais.

Dos quatro elementos (8), água, fogo e vento sempre causam danos, mas quanto à terra, segura, firme, não deveria produzir modificações bruscas. Há muito, no tempo da era de Saikô (855) segundo se diz, houve um grande terremoto, ocorrendo grave acontecimento

como o de cair a cabeça do Buda do templo de Todai, mas mesmo esse terremoto, pelo que se tem notícia, não se iguala a este recente. Na ocasião, todos falavam de ausência de sentido desta vida terrena, parecendo até que menos concupiscência turvava o coração dos homens, mas com o acumular dos dias e meses, com o passar dos anos, não há mais quem coloque na boca essas palavras.

Sendo tudo neste mundo difícil, o próprio corpo e a moradia são incertos, pouco confiâveis como foram vistos. Não apenas isso. Para um homem, a intranquilidade espiritual, em decorrência das situações em que se coloca e das posições que ocupa, é imensurável.

Caso não sendo pessoa que se conte e venha morar ao lado de poderoso, mesmo que tenha motivo de grande alegria, não poderá manifestá-la às escâncaras, e mesmo com tristeza profunda, não poderá chorá-la abertamente. O comportamento não será à vontade e demonstrações de temor serão dadas nas mais simples formas de viver. Serve a comparação de um pardal à proximidade do ninho de um gavião.

Caso seja pobre e more vizinho a um rico, envergonhado de sua aparência miserável, pelas manhãs e às tardes, nas suas saídas e entradas, se mostrará subserviente. Seja vendo a mulher, os filhos e servos lançarem olhares de inveja, seja observando a atitude de desdém do rico e de seus familiares, tudo isso marca o coração, sem tréguas, tirando-lhe a tranguilidade. Caso resida num terreno apertado, em ocasião de incêndio na vizinhança, não poderá escapar ao desastre. Caso more em sítio afastado, as caminhadas serão molestantes com muitos perigos de assaltos. Os potentados são dados à avarice, e os solitários são desprezados. Os ricos têm muitas preocupações e os depojados de riqueza são cheios de inveja. Dependendo de outrem, o si próprio deixa de existir, passando a pertencer a outro. Cuidando de outrem, passa a prender-se pelo sentimento. Adotando as regras sociais, passa-se a sofrer os cerceamentos. Se não as seguir será visto como maluco. Para onde se dirigir, onde ficar, e como agir, de modo que colocando este corpo n'algum lugar, se se permite usufruir de instantes de sossego espiritual.

Ш

Na posse da moradia da avó por parte do pai, aí morei por muito tempo. Posteriormente, deixando de existir parentes, fui envolvido no declínio dos destinos. Lembranças existiam muitas, mas não pude, afinal, suceder à casa, e com pouco mais de trinta anos de idade, fa-

zendo a minha vontade, formei uma cabana. Comparando-se esta com a moradia de antes, era cerca de um décimo em tamanho. Construí apenas o local de minha moradia, sem conseguir erguer as demais dependências. Só fiz o amurado de terra batida, mas não havia recurso para colocar o portão. Bambu como pilar, foi feito o abrigo da carroça. Com a nevada, e o vento, não deixava de existir perigo. Localizada próximo ao rio, grande era a possibilidade de danos pela água, não se contando ainda com os perigos dos ladrões.

Tinha vivido, por mais de trinta anos, sofrendo e suportando, intimamente, as agruras deste mundo. Nesse meio tempo, diante das vicissitudes enfrentadas, umas trás outras, tive consciência do próprio infortúnio. Na primavera quando fazia 50 anos, abandonei as cousas mundanas para tornar-me bonzo. Sem mulher nem filhos, naturalmente nada havia que me obstasse. Sem posto nem vencimentos, que apêgo teria eu? Sem proveito qualquer permaneci sob as núvens do monte Ohara, transcorrendo-se cinco primaveras e outonos.

Alcançando a etapa de ir-se o orvalho dos 60 anos de vida, tive que formar mais um abrigo. É como se o viajor fizesse o abrigo para uma noite, ou um velho bicho de seda formasse o seu casulo. Este abrigo, comparado à casa que tive em meados de minha vida, é de um centésimo em tamanho. Ao meio a este tipo de lamúria, a idade se tornou cada vez mais elevada e a moradia cada vez mais estreita. O aspecto deste abrigo não se assemelha em nada com o comum das casas. Com 3 metros de lado e pouco mais de 2 metros de altura. Como não tenho pensamento determinado de permanecer num sítio, não procedo à escolha de terreno. Feito o chão, com uma simples cobertura e as ligações de madeirame feitas com metal desmontável. Isto para poder deslocar-me à outra parada se o local não apetecer ao espírito. A nova montagem não demanda qualquer trabalho maior. Carrega-se a cabana em duas carroças. De despesas, apenas o pagamento do transporte e mais nenhum gasto.

Depois de me retirar para o seio do monte Hino, coloquel, a leste, uma cobertura de cerca de ura metro a fim de facilitar a fazer fogo com galhos secos. Ao lado sul foi colocado um estrado de bambu, e a oeste deste fiz uma prateleira para flores e apetrechos budistas. Para o lado norte, protegida por uma separação corrediça guarnecida de papel foi colocada a imagem de Amitabha e a seu lado Sumantabhadra (Fuken), e à frente o livro de Saddharma-pundarika (Hokkekyô). À borda foi colocada palha de samambaia para servir de local de dormida à noite. A sudoeste, uma prateleira suspensa de bambu.

onde coloquei três cestos de cor preta. Nestes estão os excertos de poesias (waka), escritos músico-poéticos, e de livros religiosos como Ojyô-yôshû. Ao lado estão encostados um "koto" (N.T. — Instrumento musical de 13 cordas que se toca com o seu corpo de madeira colocado no soalho) e um "biwa" (alaúde japonês). São ambos de tipo desmontável. Esta a aparência da cabana provisória.

Falando da localidade, ao sul existe dispositivo de adução de água. Dispondo-se de rochas em posição vertical, a água é represada. Ficando perto o bosque, não há falta de galhos para o fogo. O local se denomina Toyama. Trepadeiras cobriram a picada. O vale tem vegetação densa. Verdade que a oeste ele é aberto, permitindo a contemplação da Paradisíaca Terra de Promissão a oeste. Na primavera, verdadeiro oceano de glicínia que floresce ao ocidente como nuvem violácea. No verão se ouve o cuco. Cada vez que o vejo, renovo com ele, intimamente, o trato de servir a mim como condutor da caminhada após a morte. No outono, enche o ouvido o som da cigarra. A sua voz parece cantar a tristeza deste mundo. Durante o inverno aprecio atentamente a neve. O seu acumular e o seu desaparecer parecem assemelhar-se às más ações e sua redenção pela contrição.

Quando sem disposição para a invocação de Buda, e sem ânimo para a leitura dos livros sagrados, torno-me indolente, descanso por conta própria. Não é preciso intentar a prática ascética do silêncio, pois que completamente só, não tenho como praticar o mal pela boca. E nem há necessidade de esforçar-me para guardar os princípios ascéticos pois que no meio e circunstâncias em que vivo não há como ofendê-los. Observando as embarcações que vão e vêm pelo rio, em Okanoya, penso no meu destino que se parece com as brancas ondas que acompanham as embarcações, imito o bonzo Manzei e laboro algumas poesias, e nos entardeceres quando os ventos fazem soar as folhas de katsura, os meus pensamentos vão aos fatos relacionados à margem do rio Jinyô (9) e recordo o mestre Minamoto tocando alaúde (biwa). E quando ânimo e inspiração vêm, em consonância com o som dos movimentos dos galhos dos pinheiros toco "Shufuraku" com o "koto" (peça da música clássica japonesa do "Gagaku") e o alaúde, concertando "Ryûsen" faz-se acompanhar do murmúrio das águas das fontes. A execução é de pouca habilidade, mas não importa, porque não é para contentar o ouvido de outrem. Toco sozinho e poeto só para o descanso do próprio espírito.

Há, também, no sopé do morro, uma cabana coberta de ramos. É onde mora o guarda-florestal do morro. Alí existe um menino que

vez por outra cá aparece. Quando em enfado, saio a peranbular tendo-o como companheiro. Ele tem dez anos. De minha parte sessenta. Diferença de idades e tanta, mais iguais os prazeres do espírito. Colhemos brotos de junco, apanhamos frutas silvestres, coletamos raízes de cará e cortamos salsa japonesa. Ou ainda vamos ter ao arrozal irrigado no sopé do morro para acharmos espigas de arroz caídas para fazermos tranças e pormos a secá-las. Se o tempo estiver bom, vamos ao cume do morro para vislumbar ao longe os céus da terral natal (10) e avistar o monte Kohata, a vila de Fushimi, Toba e Hatsukashi. As belas paisagens não têm donos, não havendo pois nada que impeça o conforto do espírito.

Não sentindo maiores dificuldades às caminhadas e tendo boa disposição de espírito, ando pela cumeada, e ultrapasso os morros de Sumi e Kasatori, para render homenagem ao templo de Iwama ou venerar o templo de Ishiyama. Ou ainda, atravessando o Campo de Awazu para estar nos locais de lembrança do Velho de Semi-uta (11) e atravessando o rio Tanakami para visitar o túmulo de Sarumaro-môuchigiami (12). Ao regresso, conforme a estação do ano aprecio as cerejeiras em flor, procuro os vermelhos das folhas, colho os brotos de samambaia, reúno nozes, para oferendar às almas e ainda para presentear alguém.

Se as noites são serenas, pela luz à janela evoco as recordações dos velhos amigos que se foram, e choro ao som da voz dos símeos.

Os pirilampos nos matagais se parecem com as luzes dos pescadores da ilha de Maki; as chuvas da madrugada dão a impressão de tempestade que sopra as folhas das árvores. Mesmo ao cantar do faisão, tenho a sensação de estar ouvindo as vozes de meus pais. E quando o veado da cumeada, já acostumado, se aproxima, sinto quanto me acho afastado do mundo. Ainda, atiço o fogo como companheiro das indormidas noites da velhice. Não sendo serrania tão densa, mesmo ouvindo-se as vozes de corujas, as paisagens das montanhas, a cada estação, se apresentam tocantes, cheias de variadas emoções. Escusado dizer-se que a pessoas de pensar e sentir de maior profundeza, de maior saber, certamente as evocações, os pensamentoss, os

IV

sentimentos não serão só os citados.

Quando comecei a habitar neste lugar, pensei permanecer apenas por pouco tempo, mas já são decorridos cinco anos, e a cabana provisória já se tornou moradia que faz parte do meu hábito. Acumularam-se folhas curtidas no beiral e o chão batido coberto de musgo. Das notícias tidas acerca da Capital tem-se que, desde que passei a viver nesta parte das montanhas, muitas pessoas nobres faleceram. Então de pessoas humildes não se dá conta do número. E quantas casas se perderam pelos repetidos incêndios. Apenas a simples cabana provisória traz despreocupação, destituída que é de perigos. Escasso o espaço, mas há lugar para a dormida à noite e para o estar de dia, sem prejuízo para abrigar o corpo de uma pessoa. Os paguros preferem as conchas pequenas. Isto porque conhecem a si próprios. A águia pescadora faz de sua morada a encosta bravia. É porque teme aos homens. Da mesma maneira sou eu. Conhecendo-me, e ainda conhecendo o mundo, nada desejo; não me altero. Apenas aspiro à tranquilidade; e me sinto feliz em não ter preocupações.

Ao que parece, comumente, o construir a sua casa, nem sempre é apenas para si próprio. É para esposa e filhos, para seus familiares e dependentes. Ou ainda, para pessoas chegadas ou amigas. Ou ainda, para seus amos ou para seus mestres. Até para os seus bens e para equinos e bovinos. Eu construí a cabana para mim mesmo. Não a fizera para outrem. Isto porque, pela situação, tanto dos costumes como a minha própria, não tenho nenhuma companhia para viver junto, nem tampouco qualquer preposto que depende de mim. Mesmo que a construísse ampla, a quem dar abrigo, a quem hospedar?

De modo geral, dos ditos amigos das pessoas, são mais considerados aqueles mais abastados, os mais solícitos. Nem sempre o de maior amizade, os mais corretos. Não há melhor cousa do que manter-se amigo da música e da natureza. Os prepostos dão preferência aos prêmios mais expressivos e favores mais destacados. Não têm a aspiração de serem contemplados com maiores carinhos, ou que possam viver com mais tranquilidade. Dessa maneira, é melhor que se faça do próprio corpo o seu criado. Como fazê-lo próprio criado? É usar o seu corpo quando há algo a fazer. Não deixar de ser fastidioso, mas mais fácil do que valer-se de outros ou empregar outras pessoas. Caso haja necessidade de locomover-se, é depender do seu próprio andar. Mesmo que haja fadiga, melhor do que ter preocupações com cavalo, sela, boi e carro. Divida-se o corpo para executar duas funções: a mão - criada; e os pés - locomotores. Assim está de acordo com o meu desejo. O espírito sabe da fadiga do corpo. Quando há sofrimento se descansa; se disposto se o usa. No seu uso, poucas vezes se comete excesso. Sentindo-se cansado, não há com o que se preocupar. Além do mais, andar sempre e trabalhar constantemente devem ajudar a manter a saúde natural. Então por que descansar inutilmente? Fazer sofrer a outrem é ato criminoso. Por que tomar de empréstimo a força de outros?

A mesma cousa se diz da indumentária e da alimentação. Tecidos de fibras de trepadeiras e pertences da cama de linho. Conforme se podem conseguí-los se cobre o corpo, e se mantém vivo com áster yomena que se colhe no campo e nozes que se encontram nos cumes dos morros. Não mantendo contacto algum com outras pessoas, não há porque se envergonhar da aparência. A escassez faz dos alimentos mais pobres os mais nobres como dádiva da natureza.

Todos estes prazeres não os digo com vistas aos homens ricos. Simplesmente, comparando o passado e o presente de mim mesmo.

O mundo que rodeia os homens é simplesmente o pensamento. Se o espírito não se acha tranquilo os mais ricos objetos deste mundo não têm serventia, bem como palácios e mansões são vãos. Amo a triste moradia, a cabana de um só recinto. Quando tenho que estar na Capital, sinto vergonha de aparentar ser um pedinte, mas, regressando e aqui me achando, tenho pena das pessoas que estão envolvidas nas lides mundanas. Se alguém duvidar destas minhas palavras que observe o peixe e o pássaro. O peixe não se enjoa d'água, e a não ser o peixe pode compreender isso. O pássaro aspira permanecer no bosque. Só o pássaro há de compreender o que sente. Esta tranquila sensação do viver no retiro também não é outra situação. Sem vivêla, quem pode compreendê-la?

V

Bem considerando, a lua da existência já está inclinada, prestes a alcançar a montanha a oeste. Logo, logo, estarei de partida para o mundo dos três caminhos das trevas. Nestas alturas, o que estou a lamentar. O ensinamento de Buda diz ao desprendimento de tudo. Estar amando a cabana se constitui em pecado. O apego à tranqüilidade também se erige em obstáculo. Por que devo fazer passar o tempo, inútil, falando sobre cousas sem importância?

Numa madrugada quieta, fiquei a pensar a respeito desta verdade, e perguntei-me: fugindo ao mundo e viver nas montanhas foi com o intuito de dominar os sentimentos volúveis e procurar o caminho da verdade. Entretanto, apesar da aparência de sacerdote, o coração está infectado de impurezas. Pela moradia acha-se nas pegadas de Vimala-kirti, mas quanto ao sentimento não conseguiu alcançar Cudapanthaka (13). É isto reminiscência da pobreza do passado? Sofro por

isso ou me tornara perturbado em virtude de tanta delusão? O coração nada respondeu. Tomando de empréstimo a língua (14) disse três vezes o nome de Amitabha.

Aos anos dois da era de Kenryaku (1212), nos últimos dias do mês de março, discípulo do Budismo, Ren-in, escreveu o presente na cabana de Toyama.

A presente tradução foi feita tendo como texto básico o Hôjôki, inserido em Hôjôki e Tsurezure gusa, organizado pelo Prof. Nishio Minoru, vol. 30 da Coleção da Literatura Clássica Japonesa (Nihon Koten Bungaku Taikei), Editora Ywanami, Tóquio, 1981.

NOTAS DO TRADUTOR:

- (1) De acordo com o texto original utilizado. Há outro texto similar que diz milhares.
- (2) O estabelecimento da Capital de Heian (Kyoto) se deu no ano de 794, com o Imperador Kanmu. Pode ser que Kamono Chômei esteja considerando o ano de 810, efetivamente sob o reinado do Imperador Saga, quando, após um fracassado compló palaciano que se planejava o retorno da Capital para Nara, este imperador fixou definitivamente Kyoto como Capital.
 - Mesmo se considerando o ano de 794, até o ano desse evento de nova transferência da Capital (Fukuhara, atual cidade de Kobe), no ano de 1180, não são decorridos quatrocentos e tantos anos como aponta Kamono Chômei.
 - Há que considerar que numa outra cópia do texto lê-se "algumas centenas de anos".
- (3) Para conduzí-las à nova Capital.
- (4) Montaria a gosto da classe dos "samurai", emergente, e os carros de boi, de uso dos palacianos.
- (5) Refere-se à designação para os cargos de administração regional.
- (6) No traçado, geométrico, da Capital, a quadra correspondia a uma divisão de cerca de 121 metros de lado.
- (7) Esta letra do Sânscrito era considerada por determinadas seitas budistas, o princípio das coisas e a sua enunciação representava a liberação das paixões terrenas.
- (8) No Budismo, terra, água, fogo e vento são mencionados como os quatro elementos.
- (9) O autor faz referência ao entardecer quando os ventos fazem soar as folhas de *katsura*, evocando o poeta chinês Pai Lo-tien (772-846) que à margem do rio Jinyô ouviu alaúde (biwa) ao despedir-se de seu visitante.
- (10) No caso a Capital (Kyoto). As localidades mencionadas são todas nas suas

cercanias.

- (11) Designação dada a Semi-maru, um exímio tocador de alaúde (biwa). "Semi-uta" é uma peça para "biwa"
- (12) Lendário poeta da fase inicial da corte de Heian (Kyoto).
- (13) Discípulo de Buda muito indolente que só muito tarde, consertando-se, conseguiu o seu caminho. O seu nome é lembrado como indicativo de indolência, de falta de inteligência.
- (14) Em ato não advindo da unidade de pensamento e corpo.